

**DESAFIO ÉTICO E MORAL NA FORMAÇÃO DOCENTE**

**ETHICAL AND MORAL CHALLENGE IN TEACHER DIDACTIC SHAPING**

Rodrigo Peres Lopes Domiciano<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Professor de História na Educação Básica; Graduando em História pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Pesquisador do Grupo de Estudo e Pesquisa Sobre o Trabalho Docente (GEPDOC), Linha de Pesquisa Ética e Trabalho Docente, Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Formação Ética do Professor (FEP) - Universidade Federal do Triângulo Mineiro.

## RESUMO

Este texto é resultado de pesquisa bibliográfica, cujo tema, ética, perpassa por discussões sobre moral, valores, princípios, cidadania e, por fim, formação do professor. O objetivo é descrever, a partir desses conceitos básicos, como deve ser a postura acadêmica na formação do professor, e quais princípios orientam o trabalho docente. Ética está sendo entendida como teoria que orienta a reflexão sobre os princípios da conduta moral do homem. Valores são aspectos que indicam a maneira pela qual o homem carrega consigo um mundo constituído na sua vida pessoal. Princípios são aquilo que orienta as ações humanas, principalmente na sua conduta social, na inter-relação entre seres humanos. Princípios são os arquétipos da moral instituída culturalmente para cada homem e todos os homens. Em uma sociedade na qual predomina uma diversidade de conceitos, juízos e concepções, as diferentes percepções podem mostrar que os Direitos Humanos e a cidadania permitem refletir sobre os impactos que elas têm na vida humana em sociedade. Não se pode pensar em ética sem se levar em conta a cultura, pois, se ética é reflexão e a moral é prática, então podemos pensar que a moral está na cultura e é nela que os valores são criados. A ética é o espelho que reflete os valores, os princípios, as normas, as regras de comportamento do homem. Portanto, o papel do professor na formação de valores morais nos alunos vai se agigantando, na medida em que sua própria formação vai sendo eficientemente direcionada para tais valores morais, despertando reflexões éticas.

**Palavras-chave:** Ética. Valores morais. Formação de professor.

## ABSTRACT

This article results of bibliographic research, whose theme takes discussions on morality, values, principles, citizenship and, at last, teacher didactic shaping. Its aim is, according to such basic notions, to approach how academic position in teacher's didactic shaping must be, and which principles should guide teaching. Ethics must be taken as guiding theory for thinking about men's moral behavior. Values are aspects that indicate the way men have a setup world inside themselves in their personal lives. Principles are what guide human actions, mainly in social behavior in social relationships. They are archetype for culturally stablished morality for each and every man. In a society where there is a variety of concepts, senses and conceptions, different ways of perceiving may show that Human Rights and citizenship allow us to think about the impacts they cause in human life in society. That's impossible to think about Ethics without taking culture into account, once Ethics is related to thinking and morality has to do with practical life. So, we can conclude that morality is within culture, just where values are made up. Ethics is the mirror by which values, principles and rules of human behavior are reflected. So, teacher's role in shaping moral values in students get as bigger as his/her own shaping gets more efficiently directed to such moral values, giving birth to ethical thinking.

**Key words:** Ethics. Moral values. Teacher education.

Na discussão sobre ética e moral, desenvolveremos algumas ideias apontando aspectos pertinentes às concepções de ética enquanto reflexão e de moral enquanto ação humana na relação para com o semelhante no cotidiano social. Isso nos permite navegar também por outra idéia, que se refere à formação do professor e a eventualmente como ele utiliza esses conceitos na interação educativa.

Este trabalho tem como escopo fornecer subsídios necessários para a apresentação de aspectos considerados relevantes no que diz respeito às definições de ética, de moral, de direitos humanos, de cidadania, de valores, e, fundamentalmente, a como estes presentes na formação do professor.

A dinâmica de leitura e elaboração deste artigo foi estabelecida com o intuito de oportunizar respostas a algumas questões cruciais da vivência individual e coletiva. Essas indagações têm a intenção de incitar a compreensão de como pode o homem desfrutar dos seus direitos e cumprir, ao mesmo tempo, com os seus deveres e obrigações no meio social. Quais as implicações que a ética e a moral desencadeiam na vida cotidiana do homem em sociedade? Por que os valores são fundamentais na convivência social? Em que sentido a cidadania faz do indivíduo um homem de direitos e obrigações? Em quais aspectos aparece a ética na formação do professor?

Apresentamos, em um primeiro momento, as discussões sobre a temática proposta que se caracteriza como ética. Em seguida, abordaremos os outros tópicos: moral, valores e cidadania, e fecharemos o texto com as questões relacionadas à formação do professor. A intenção, aqui, não é a de ditar normas de conduta a serem adotadas, mas, antes, de contribuir com reflexões que possam nortear a vida do indivíduo enquanto parte integrante da sociedade. Mas, também, elas têm por caminho despertar os leitores para o fato de que uma educação alicerçada sobre valores humanos fundamentais apresenta-se como uma importante ferramenta para a construção de um mundo em que o homem possa ser concebido como ser humano e não como mera peça de uma engrenagem social.

Antes mesmo de apresentar os aspectos considerados relevantes para a atividade reflexiva a qual se propõe o presente estudo, urge traçar o perfil do contexto no qual se situa a educação como instrumento de formação ética e moral do cidadão.

A realidade social na qual o homem se faz e é feito exige que em cada momento histórico esse homem acompanhe a cultura vigente. Isso significa que, para cada momento histórico, cria-se um tipo de homem adequado. As condutas éticas e morais também são modificadas em cada momento e em cada realidade existencial e coletiva do homem. Aqui vamos chama-lás, por enquanto, de condutas morais.

Ao abordar a questão das condutas morais necessárias para a convivência social, Cortina (2009, p. 48) argumenta que

[...] em uma sociedade pluralista e democrática, não é de esperar que se incuta em seus jovens uma imagem de homem, admitida como ideal, nem mesmo faz sentido que a sociedade renuncie a transmitir aos seus cidadãos atitudes sem as quais se torne impossível uma convivência democrática.

Nesse sentido, a mesma autora aponta como solução para a problemática da convivência pacífica entre os cidadãos uma abordagem de um mínimo moral necessário a ser transmitido aos educandos nos vários níveis de ensino, e que priorizem valores, atitudes e hábitos aos quais não se pode renunciar sem antes mesmo renunciar à própria humanidade.

Imperiosas são a disputa e a dominação entre os povos e nações, através das quais a felicidade e a realização de uns poucos se dá à custa da marginalização e da exploração de uma maioria. A moral, proporcionalmente semelhante à grandeza das desigualdades existentes, não pode responder a todas as aspirações que comportam a moral de máximos. Há que se priorizar a moral de mínimos, que possa despertar para a construção de um pensamento que venha a romper com o pensamento hegemônico da atualidade.

E é justamente nesse contexto que se vislumbra apresentar, nos tópicos seguintes, considerações capazes de despertar a reflexão acerca da importância de se encarar os desafios éticos e morais relacionados à formação do docente. Assim sendo, se o homem estiver munido de uma formação sólida em bases éticas e morais, será capaz, da mesma maneira, de formar cidadãos também alicerçados nessas mesmas bases.

As reflexões apresentadas por Dallari (2004), expressas sob o termo Direitos Humanos, revelam uma forma abreviada e sucinta de mencionar os direitos fundamentais e essenciais da pessoa humana. Ele assevera que, durante toda a trajetória intelectual da humanidade, os constantes conflitos sociais deram origem a discussões sobre a dignidade humana. Os direitos, a cidadania e os valores humanos universais constituem o conjunto de condições e de possibilidades de vida inerentes à sobrevivência humana na sociedade. O

advento da Declaração Universal dos Direitos Humanos assegura que nenhuma pessoa poderá ser excluída do respeito a tais direitos, uma vez que tal exclusão implicaria a negação da própria dignidade humana.

Não é de se esperar que o mundo, herdeiro de tantos conflitos que ultrajaram a consciência humana, pautado pela disputa e pela dominação, venha a garantir que o homem viva sob a égide da moral e da ética. Nesse sentido, há a necessidade de se estabelecer normas de convivência para que, pelo menos em tese, todos os homens possam desfrutar do mínimo necessário para uma convivência pacífica, destacando-se a importância de se promover, de forma constante e efetiva, o desenvolvimento de relações amistosas em nível individual e coletivo.

É justamente visando a esse objetivo comum que os povos das Nações Unidas reafirmaram a fé nos direitos humanos fundamentais, na dignidade e no valor da pessoa humana e na igualdade de direitos entre os homens. Esse ato explicita que, através de tal conduta, decidiram promover o progresso social, oferecendo melhores condições de vida e uma liberdade mais ampla. A compreensão comum desses direitos e dessas liberdades é da mais alta importância para o pleno cumprimento desse compromisso.

O artigo segundo da Declaração Universal dos Direitos Humanos (UNICEF, 2011) versa que toda pessoa, sem distinção de qualquer espécie, tem o direito e a capacidade de gozar dos direitos contidos nessa mesma declaração. Significa que atesta o compromisso firmado pelas Nações de explicitar que a igualdade de direitos e valores são constituídos no respeito, e a negação a tais direitos implica a exclusão social e, conseqüentemente, a marginalização de uma parcela da sociedade.

Dallari (2004) reafirma tal propósito ao argumentar que todos os homens devem ter seus direitos assegurados desde o nascimento, bem como condições mínimas e necessárias de vida para se tornarem úteis à humanidade. Isso quer dizer que devem, da mesma forma, ser asseguradas as possibilidades para o ser humano receber os benefícios que a vida em sociedade pode proporcionar. Para o autor, esse conjunto de características naturais é tido como direitos humanos e deve valer igualmente para todos, a fim de que se possa garantir a dignidade. Dignidade essa, por sua vez, inerente à condição humana, e cuja preservação faz parte do conceito de direitos humanos por se tratar das necessidades essenciais de todas as pessoas.

Nessa perspectiva, o jurista reconhece que o crescimento econômico e o progresso material de um povo possuem valores negativos e positivos, mas que dependem da oportunidade que se dá à pessoa para viver um ou outro. Essa é uma questão política que pode preservar ou não a dignidade humana. Aponta, ainda, que a promulgação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1948, não apenas consagrou um conjunto de direitos fundamentais à existência digna da pessoa humana, mas também consolidou um sentimento de solidariedade entre as pessoas. Uma pessoa consciente de sua realidade social consegue enxergar a fragilidade de outra e evidenciar a solidariedade natural do homem.

Dessa forma, existe uma preocupação com os rumos que a sociedade vem seguindo no tocante à cidadania. Nas palavras de Dallari (2004), cidadania é um conjunto de direitos que dá à pessoa a possibilidade de participar de forma ativa da vida e do governo do seu povo. Quando a pessoa está fora desse panorama de entendimento, ou seja, quando não goza da cidadania, encontra-se marginalizada da vida social e da tomada de decisões, ocupando um lugar de inferioridade dentro do grupo social.

Em uma sociedade na qual predomina uma diversidade de conceitos, juízos e concepções, as diferentes percepções podem mostrar que os Direitos Humanos e a cidadania permitem refletir sobre os impactos que essa diversidade tem na vida humana em sociedade.

A premissa é de que os direitos são construídos na interação entre sujeito de razão e emoção, e que este está inserido em um mundo plural de relações. Isso nos permite entender quem é o homem e como ele pode viver melhor. Assim, as diversas formas de relacionamento e de leituras da realidade possibilitam visualizar uma sociedade construtiva, reflexiva, baseada nas relações humanas. A vida cidadã e cultural do homem promove na interação a instauração das comunidades com suas especificidades vivenciais. Por causa disso, faz-se necessário respeitar a variação linguística, a diversidade cultural, a capacidade dialogal e a consciência dos próprios sentimentos e emoções.

Nesse contexto, é fundamental ao ser humano ter uma compreensão dos valores que perpassam sua atitude junto dos outros. Não se pode visualizar a cidadania sem o aparato ético e moral constituindo a ação humana. Nos parágrafos a seguir faremos distinção entre moral, ética e valores para continuar nossa discussão nesse ensaio.

### **Pensamento ético e ação moral**

No sentido de se estabelecer uma razoável distinção entre ética e moral, Comparato (2006) busca as origens do pensamento ético e da postura moral nos povos e pensadores da antiguidade e da Idade Média. Em seus apontamentos, fica patente o prenúncio da distinção entre ética e moral, ao mostrar que Aristóteles descrevia a distinção entre as leis de cada povo e as que regem toda a humanidade. Além de abordar as leis não escritas, abordava a ideia do meio termo e a noção do equitativo, que deve ser aplicado sempre em prol de uma justiça que ultrapasse o limite da lei escrita.

Cícero, da mesma forma, recorre, segundo o jurista, à mesma ideia da equidade entre quaisquer questões que envolvem um julgamento ou uma tomada de posição. A equidade abarca a conciliação de interesses pessoais e interesses universais. Os interesses de ordem pessoal nunca entram em conflito com os interesses de ordem universal.

Essas ideias universalistas sobre ética encontraram o seu ponto de secção a partir da fundação da Cristandade Ocidental. Nela, eram considerados estrangeiros todos os que não abarcassem a fé cristã. No mundo moderno, a partir do Iluminismo Francês, os conflitos entre nacionalismo e universalismo ficaram ainda mais evidentes. Paralelamente à Revolução Francesa, o interesse das classes burguesas começou a superar os ideais de coletividade. Assim, instalou-se uma nova perspectiva para compreender as questões sociais e humanas.

O retorno à concepção de universalidade se deu a partir do tripé da Revolução Francesa, erigido sobre os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade. Esse processo culminou na aprovação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que consistiu em considerável avanço, uma vez que todas as demais declarações foram redigidas em âmbito nacional.

Assim como em diversos outros estudos, Comparato (2006) aponta que o sistema capitalista aparece como produtor de consequências negativas, uma vez que foge às concepções éticas universalistas, principalmente porque tem em vista a evidência dos interesses pessoais em detrimento dos interesses de ordem coletiva, contrariando qualquer princípio ou norma pautados por ideais éticos e morais.

Importante salientar, ainda, que, para esse autor, os princípios ou normas que vislumbram uma relação ética e moral entre os envolvidos somente possuem real força se estiverem presentes e ativos na consciência dos homens e corresponderem aos interesses de

uma coletividade. Isso significa que é necessário haver relação entre ética e valores para que o homem se situe no seu contexto. Desse ponto de vista, o homem, tendo consciência sobre o conjunto de normas e regras sociais inseridas em seu cotidiano, pode viver a dignidade de maneira ética.

Sendo assim, a ética pode ser concebida como a reflexão sobre os valores construídos culturalmente na moralidade, inserida na cultura de um povo, e os princípios que norteiam o comportamento moral do homem em sociedade, estabelecendo as regras para a convivência humana. Dessa maneira, a moral é a vivência cotidiana dos princípios inseridos nas normas e regras sociais.

Vázquez (2008) ilustra tal concepção argumentando que a atitude de um indivíduo pode ou não ser moral, uma vez que acarreta consequências a outro indivíduo e até mesmo à sociedade. Portanto, todo ato de um indivíduo implica consequências para outros, o que caracteriza a sociabilidade de seus atos.

Importante salientar que em cada pessoa há valores apreendidos e/ou estabelecidos ao longo da vivência em sociedade e que, interiorizados, variam de uma sociedade para outra. Ao refletir sobre as condutas morais, torna-se necessário repensar a prática diária da ação humana em um movimento que vai da passagem do plano da prática moral para o da teoria moral, ou seja, da moral efetiva para a moral reflexiva, o que constitui uma atitude ética.

No nível coletivo de relações, é preciso compreender que um ato ou uma ação humana, para ter significado, devem ser pautados por princípios. Isso significa assumir um sentido social e se estabelecer como ato moral. O ato moral, por sua vez, assume características de normas para regulamentar a ação humana. A ação moral está repleta de sentido ético porque esta última tem sentido de reflexão.

Vásquez (2008) considera que a ética é a teoria ou a ciência do comportamento moral do homem em sociedade, e que a ética não cria a moral. É possível verificar a existência de princípios éticos que fundamentam a ação humana e manifestam atitudes morais, portanto, valorativas. Os princípios são interiorizados pelo indivíduo, de maneira que em todo ato manifesta um conjunto de valores pessoais advindo da história pessoal e coletiva. Torna-se necessário atentar para o fato de que a ética exige liberdade de pensamento dos indivíduos e uma sociedade que seja regida por valores mais altos de justiça, tolerância à diversidade e à verdade.

Chalita (2003) complementa o pensamento de Vásquez abordando que a moral se encontra solidificada por princípios que são entendidos como sentido e significado que o homem atribui à realidade, aos objetos, aos fenômenos e aos homens. Uma vez construídos, elaborados, internalizados em cada ser humano e na sociedade, manifesta suas implicações no comportamento do homem para com o outro. A cultura passa a ser, então, desse ponto de vista, o *locus* de onde advêm os valores manifestos nos comportamentos humanos.

A partir de tal concepção, a ética pode ser entendida como um conjunto de reflexões sobre as normas escolhidas por um grupo social e reflete as discussões pregressas sobre a moral e os princípios que foram aceitos pelo mesmo grupo. Nesse contexto, torna-se possível compreender com clareza não só o que fundamenta o comportamento relacional do homem, mas os princípios de tais relacionamentos, o que proporciona a compreensão da moral em toda a sua extensão.

Em consonância com o exposto anteriormente, torna-se de fundamental importância compreender a forma pela qual se dão, no meio cultural, as elaborações valorativas e a aquisição de princípios na cultura. Em outros termos, o que acontece com o homem no meio social e o que o social faz dele nesse processo de interiorização de valores. Vale a pena lembrar que o processo de formação humana caminha desde tenra idade na família, passando por diversas instâncias sociais, e dentre elas a escola, onde estão os professores e o conjunto de valores que cada um traz em sua história pessoal. Há, por assim dizer, uma interação de mundos diversos na escola. Com a interação desses mundos particulares acontece a formação do homem.

Costa (1994) destaca que, no cotidiano, nos deparamos com pessoas de todas as índoles da casta social, sendo necessária, para abordar questões de ética e moral, a utilização de uma linguagem cotidiana que vise a atender não somente aos especialistas, mas a um público-alvo comum. Isso significa que, para falar de ética e de moral, demandam-se argumentos de fácil entendimento. A linguagem facilita a divulgação e conseqüentemente a aceitação dos valores, quando bem articulada.

Quando falamos de ética com ideias claras e distintas, estamos falando da ética dos contrastes entre o certo e o errado, entre o bem e o mal, entre a dor e o prazer, entre o sofrimento e a alegria, entre a esperança e descrença e entre a efemeridade e a permanência. O humano é passível de acertos e enganos. Por causa disso, ele atribui sentido e significado,

portanto valor, às palavras, aos objetos, aos fenômenos, às situações e às pessoas. Percebendo essa situação e vivendo valores, fala sobre eles utilizando uma linguagem que corresponde à cultura vigente.

Esse mundo invisível que cerceia o mundo real constitui o *locus* dos valores, pois estes são construções culturais do dia a dia, da vivência das pessoas, da ideologia vigente. Assim, os valores estão nesse mundo invisível que se manifesta na prática social individual organizada pela cultura. Aprendemos tais valores no contexto social, portanto cultural, no qual estamos inseridos.

Segundo Costa (1994), no mundo invisível, os valores vão tomando forma gradativamente e vão sendo inseridos na consciência humana e, conseqüentemente, fazem parte do agir cotidiano, repleto de sentido. São esses valores que definem e governam o comportamento individual e coletivo.

A cultura tem um papel importante para estabelecer tais valores. Em todas as instâncias sociais, entendidas aqui como culturais, nas quais o homem está inserido, os valores estão presentes. E quanto mais o homem se relaciona, mais valores ele vai incorporando e, portanto, estabelecendo sua maneira de ver, julgar e agir socialmente.

As culturas fazem com que as pessoas tenham maneiras próprias de viver. E em cada uma das culturas o homem pode buscar respostas para os movimentos reflexivos, medos e explicações da existencialidade pessoal e coletiva, atribuindo eticidade a tais fenômenos. Com o antropocentrismo, a discussão central passa a ser o indivíduo em sociedade. Aristóteles (Séc. IV a.C.), grande pensador da Grécia Antiga, dizia que a ética, traduzida no conhecimento de sua essência, fundamentava-se na prática da excelência moral. Isto é, na busca da felicidade, pois, tal fato impulsionava o homem a ter comportamentos válidos ou não na relação para com o outro.

Portanto, não se pode pensar em ética sem se levar em conta a cultura, uma vez que, se a ética é reflexão e a moral é prática, então podemos pensar que a moral está na cultura e é nela que os valores são criados para o ato humano. Dessa maneira, a ética é o espelho que reflete os valores, os princípios, as normas, as regras de comportamento do homem em sociedade no conjunto de manifestações culturais.

Num contexto de intelecção voltado para uma crítica ética, Dupas (2001) argumenta que o advento da ciência e da tecnologia, ao mesmo tempo em que desencadeou um

inimaginável progresso material, paradoxalmente criou um estado de vazio ético que acabou por colocar em risco não apenas a vida do planeta, mas de toda a espécie humana. Assim, faz-se necessário resgatar não somente a dignidade, mas o conjunto de valores que norteia o comportamento humano harmonioso.

Para o autor, esse estado de vazio gerado pela ausência de princípios e valores em relação à existência do outro e às demais formas de vida existentes no planeta torna-se ainda mais grave quando submetido à lógica do poder econômico, revelando-nos que o capitalismo, através do processo de globalização, apossou-se do destino da tecnologia, orientando-a para a criação de valor econômico. Esse processo, que converte o valor para o aspecto econômico, obedece a uma dinâmica peculiar do processo de globalização. Isso significa que a hegemonia tecnológica dos países desenvolvidos subjuga os países periféricos às suas regras, gerando miséria e desigualdade social. A técnica, uma vez submetida ao serviço do capital e da acumulação de renda, suprime os empregos ao invés de criá-los e acaba por se apresentar como a detentora dos preceitos éticos em decorrência da extrema tecnofilia dominante.

Observa-se, assim, um completo afastamento da filosofia em virtude da superioridade da técnica. O pensamento filosófico se apresenta profundamente subjugado pelo pensamento tecnicista e instrumental. Em consequência, na visão de Dupas (2001), as tecnologias passam a ser dotadas de qualidade de seres complexos e não de simples instrumentos. Conduz as sociedades a aceitá-las como dotadas de poder próprio, condicionando a humanidade a se acostumar com imagens de poder e destruição. Isso acentua o processo de extinção das boas intenções e das dores de consciência, culminando na renúncia ao exercício da liberdade de decisão.

Nesse cenário de desolação ética e moral, a capacidade do saber fazer e do poder fazer possibilita manter a ilusão de domínio sem fronteiras, produzindo a imagem de um mundo onde seja possível manipular e transformar e, conseqüentemente, determinar a maneira de pensar, representar, construir e agir sobre o mundo.

A despeito de todas as previsões negativas que cerceiam o mundo moderno, Dupas (2001) aponta para o fato de que ainda existe uma tênue esperança de retomada dos valores éticos e morais, na medida em que se reconhece que o poder monopolizado é desacreditado, pois dispensa continuamente o elo com a práxis. Nesse sentido, a ciência monopolista é posta continuamente em questão, porque o interesse pela técnica oculta vários outros interesses que

dificultam a legitimação do conhecimento. A prova dessa assertiva encontra-se no fato de que à medida que a sociedade se liberta das amarras dos valores de referência, a demanda por ética e por preceitos morais cresce indefinidamente.

Inegável reconhecer que as novas tecnologias causaram um crescimento brutal dos poderes do homem, em que as referências tradicionais, os fundamentos ontológicos, metafísicos e religiosos da ética se perderam, provocando o predomínio do individualismo que aliena o coletivo.

Diante desse cenário, caracterizado pela existência de um homem vazio de sentido, Dupas (2001) aponta para a necessidade de se redescobrir uma macroética que seja válida para toda a humanidade. Para tal, há que se reconhecer a necessidade de um retorno aos princípios e hipóteses que possam governar o mundo da reflexão, de uma ética tradicional, em que o sujeito seja impulsionado por uma infinita liberdade, tornando-se responsável por ela e pelo seu destino, promovendo uma autodeterminação do ser humano, responsável pelos seus atos.

Como então viabilizar as condições iniciais para a retomada de uma visão ética do mundo, se a comunidade científica internacional está atrelada a projetos de grandes corporações submetidos à lógica do lucro? Como refundar a ética, se estamos voltados para a impotência e para os excessos do poder?

Primeiramente, é necessário responder às indagações que surgem diante do imenso poder que a ciência e a tecnologia conferiram ao homem, ou seja, o homem está preparado e qualificado para administrar tal poder sobre o destino da humanidade?

Tal indagação permite compreender que estamos diante de questões das quais a ética tradicional não é capaz de dar conta, vislumbrando-se a partir daí a necessidade da adoção de novos categóricos que impliquem tanto a integridade do homem quanto a da vida, a partir de uma humanidade frágil, alterável e perecível. O mal-estar da civilização está traduzido no desamparo da sociedade global, e o nível desse desamparo se encontra na relação direta com a qualidade da gestão dos conflitos, que dependerá da governabilidade e do conteúdo democrático que soubermos operar em nossas sociedades.

Nesse sentido, segundo Dupas (2001), cabe à filosofia a tarefa de recordar à ciência a sua obrigação de avançar até os seus limites, sejam eles absolutos ou morais, através da sabedoria, no seu sentido ético, para que se possa tirar o melhor proveito da técnica. A técnica

nos possibilita somente o saber como e não saber o porquê. Há que se formar cidadãos esclarecidos, vigilantes e críticos, e não apenas consumidores fascinados. Daí a necessidade da formação adequada dos formadores de opinião, especificamente os docentes.

Urge compreender que a ética não deve ser entendida como padrões de conduta e que conviver em sociedade implica observância de princípios morais em todos os segmentos. A ética reflete sobre os valores, posturas e padrões de comportamento moral que mudam de acordo com a época, com as circunstâncias, bem como com a aquisição de novos conhecimentos, o que justifica defender uma educação que esteja pautada em valores éticos e morais, e não somente em bases científicas.

### **Considerações finais**

Diante do exposto, chegamos a um momento importante no qual a formação do professor deve perpassar por todas essas questões, no sentido de prepará-lo para os grandes desafios, tanto teóricos quanto práticos. Desafios teóricos são aqueles que estão vinculados à maneira pela qual tais professores edificam o conjunto de valores ao longo de sua vida. Não apenas a vida cotidiana, familiar, social, mas principalmente na academia. É aí que está o grande e maior impacto ético. Na academia, os conhecimentos e habilidades racionais podem proporcionar possibilidades de compreender cada mundo pessoal e, conseqüentemente, os princípios que norteiam cada mundo, tanto do professor como dos alunos.

Nesse sentido, é preciso que a formação desse profissional seja de qualidade nos conteúdos abordados, nas metodologias veiculadas, na fundamentação teórica obviamente vinculada à ação do professor, na academia ou fora dela. Essa perspectiva nos permite entender que os valores, ou melhor, a formação dos princípios humanos devem estar presentes também e, principalmente, na interação entre professor e aluno. Se houver possibilidade de se refletir que valores são resultados de interações humanas variadas e que cada um pode construir os seus, então há melhores condições de formar o professor para seu trabalho com seres humanos.

Urge, portanto, pensar com seriedade os conceitos apresentados ao longo deste texto e, mais que isso, mostrar aos futuros professores que tais conceitos são imprescindíveis ao seu

trabalho docente. Sua reflexão/ação está na proporção direta de saberes humanos, valores humanos, princípios de comportamentos, regras morais.

Assim, a abordagem de questões relativas à ética e à moral inseridas no agir humano mostra-se de fundamental importância no mundo moderno. Impera a busca pela sabedoria, por conhecimento, por tecnologias cada vez mais avançadas. Frequentemente nos esquecemos do caráter inalienável dos nossos direitos e deveres para conosco mesmos e para com os outros.

Os valores morais relegados ao esquecimento têm sido resgatados e renovados, situando-se como estandartes da conduta humana. Esse é o motivo pelo qual foram postas em discussão tentativas de compreensão de termos antigos que se fazem atuais e necessários em nossas pesquisas e na nossa vivência cotidiana.

Portanto, a ética, por ser entendida como padrões de conduta, leva-nos à discussão, à interpretação, à reflexão sobre as condutas humanas. A convivência encontra-se permeada por dificuldades que clamam por princípios morais que devem ser observados.

A ética, como reflexão, leva-nos a uma melhor compreensão sobre as dinâmicas em que se situa a convivência humana, bem como à verificação dos princípios que norteiam o conjunto de valores estabelecidos culturalmente.

Diante disso, precisamos resgatar urgentemente a dignidade humana com reflexões éticas contundentes, de maneira que as regras, as leis e as normas sociais possam evidenciar o humano em detrimento de outros aspectos, e mais que isso, estar a serviço do humano. Os valores essenciais como paz, harmonia, felicidade, bem-estar, direito à vida digna, direito a um emprego decente, direito à educação, direito à moradia, dentre outros, precisam ser amplamente divulgados e protegidos pelas leis.

O homem precisa ser considerado um ser humano em todas as dimensões e não apenas visto como um instrumento da cultura a serviço de interesses outros que não valorizam o humano que há no homem. Enfim, o humano no homem é mais importante do que todos os outros aspectos culturais, sociais, políticos, religiosos e ideológicos. A ética, portanto, pode ajudar nessa tarefa de resgatar o humano no homem. E, se o professor, no processo de formação, for efetivamente despertado para essas questões, acreditamos que o seu papel de formação de consciência humana poderá ter um valor importante na formação e na atuação do

cidadão. Afinal, a educação está para o homem tanto quanto os princípios e valores morais para o comportamento do homem.

Cabe, por fim, dizer então que o papel social do professor na formação de valores morais nos alunos vai se agigantando na medida em que sua própria formação também vai sendo eficientemente direcionada para tais valores morais, despertando reflexões éticas.

### Referências

- CHALITA, G. *Os dez mandamentos da ética*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.
- COMPARATO, F. K. *Ética: direito, moral e religião no mundo moderno*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.
- CORTINA, A. *Ética mínima: introdução à filosofia prática*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- COSTA, J. F. *A ética e o espelho da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- DALLARI, D. A. *Direitos humanos e cidadania*. 2.ed. São Paulo: Moderna, 2004.
- DUPAS, G. *Ética e poder na sociedade da informação*. 2.ed. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- VÁZQUEZ, A. S. *Ética*. 28. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Disponível em [http://www.unicef.org/brazil/pt/resources\\_10133.htm](http://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10133.htm) . Acesso em 25 de setembro de 2011.